

**Paisagens do cotidiano: uma análise das possíveis medidas de  
acontelamento no “Evento multicultural Praça República da Bolívia”  
em Campo Grande/MS**

**Everyday life landscapes: an analysis of possible precautionary  
measures in the "multicultural Event Praça República da Bolívia" in  
Campo Grande/MS**

DOI:10.34117/bjdv7n7-310

Recebimento dos originais: 28/06/2021

Aceitação para publicação: 13/07/2021

**Jéssica Rabito Chaves**

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)  
Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia (FAENG)  
Avenida Costa e Silva, s/n°, Cidade Universitária, Campo Grande, MS, Brasil. CEP  
79070-900  
jessica-jrc@hotmail.com

**Bruno Silva Ferreira**

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)  
Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia (FAENG)  
Avenida Costa e Silva, s/n°, Cidade Universitária, Campo Grande, MS, Brasil. CEP  
79070-900  
bsferreira@outlook.com

**Margareth Escobar Ribas Lima**

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)  
Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia (FAENG)  
Avenida Costa e Silva, s/n°, Cidade Universitária, Campo Grande, MS, Brasil. CEP  
79070-900  
maria.ribas@ufms.br

**Eliane Guaraldo**

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)  
Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia (FAENG)  
Avenida Costa e Silva, s/n°, Cidade Universitária, Campo Grande, MS, Brasil. CEP  
79070-900  
eliane.guaraldo@ufms.br

**RESUMO**

A partir do relato da experiência de um estudo de caso, buscou-se compreender o processo de consolidação de um movimento popular, advindo de uma comunidade específica, transformado em um evento multicultural. Ao longo dos anos, a feira livre Praça Bolívia, Campo Grande/MS, conquistou sua representatividade e contribui continuamente para a reconstrução da memória coletiva urbana. O Brasil é um país de grande diversidade cultural e detentor de uma identidade multiétnica; assim a necessidade de instrumentos

de preservação e promoção do patrimônio cultural imaterial é real. É necessário que as políticas públicas possam ir além da conceituação superficial de comunidades heterotópicas de potencial singular. À medida que se identifica que as comunidades não possuem representatividade e tampouco uma legislação que proteja sua diferença étnica, há necessidade de se organizarem de forma democrática e apolítica. Para valorizar sua singularidade a despeito da negação por parte das sociedades culturalmente estruturadas, é necessário indicar caminhos potenciais de fortalecimento. O evento das feiras livres, para além da sua função original de mero suporte de atividades comerciais, se configura como um meio legítimo de expressão da cultura popular. Neste artigo o evento da feira livre foi identificado e analisado como expressão de identidade cultural que existe na praça da Bolívia há mais de 10 anos e hoje representa um espaço de resistência e de intercâmbio de valores identitários. Ao extrapolar as fronteiras nacionais, resgata memórias afetivas do ser migrante em busca de visibilidade, representatividade e preservação de sua cultura. O perfil gregário e acolhedor característico desse grupo eleva seu potencial de comunicação. Este espaço, antes uma simples praça de bairro, transformou-se em um lugar que acolhe tanto manifestações da cultura folclórica andina, que marcaram sua origem, quanto outras excluídas socialmente e atraídas por aquela presença. Espaço de manifestação popular múltipla, outros grupos se sentem à vontade para representar sua individualidade étnica, contribuindo para o fortalecimento das experiências que integram o viver urbano na cidade de Campo Grande. Neste trabalho, foram reunidos alguns registros significativos da presença de parte da população boliviana na capital, identificados no acervo documental municipal ARCA/MS e atividades de campo. Com suporte conceitual da geografia humana e cultural e da fenomenologia da migração, buscou-se identificar a caracterização identitária atribuída pela apropriação de grupos comunitários em uma praça, conferindo valor de patrimônio cultural a uma paisagem do cotidiano. A discussão pode ser ampliada para outros contextos e movimentos espontâneos de manifestação cultural em espaços livres, suscitando reflexões sobre a necessidade de medidas de acautelamento para a proteção destes bens pertencentes ao nosso patrimônio cultural.

**Palavras-chave:** paisagens de inclusão, paisagem etnográfica, patrimônio cultural imaterial, políticas culturais, chancela da paisagem.

## ABSTRACT

From the report of the experience of a case study, we sought to understand the process of consolidation of a popular movement, arising from a specific community, transformed into a multicultural event. Over the years, the free fair Praça Bolívia, Campo Grande/MS, has conquered its representativeness and continuously contributes to the reconstruction of the urban collective memory. Brazil is a country of great cultural diversity and holder of a multi-ethnic identity; thus the need for instruments for the preservation and promotion of intangible cultural heritage is real. It is necessary that public policies go beyond the superficial conceptualization of heterotopic communities of singular potential. As it is identified that the communities have no representation and no legislation to protect their ethnic difference, there is a need to organize themselves in a democratic and apolitical way. To value their uniqueness despite the denial by culturally structured societies, it is necessary to indicate potential ways of strengthening them. The free market event, beyond its original function as a mere support of commercial activities, is configured as a legitimate means of expression of popular culture. In this article the street fair event was identified and analyzed as an expression of cultural identity that has existed in the Plaza de Bolívia for over 10 years and today represents a space of resistance and

exchange of identity values. By extrapolating the national borders, it rescues affective memories of migrants in search of visibility, representativeness, and preservation of their culture. The gregarious and welcoming profile characteristic of this group elevates its communication potential. This space, once a simple neighborhood square, has become a place that welcomes both manifestations of Andean folk culture, which marked its origin, and others socially excluded and attracted by that presence. A space of multiple popular manifestation, other groups feel at ease to represent their ethnic individuality, contributing to the strengthening of the experiences that integrate urban living in the city of Campo Grande. In this work, we gathered some significant records of the presence of part of the Bolivian population in the capital, identified in the ARCA/MS municipal documental collection and field activities. With conceptual support from human and cultural geography and the phenomenology of migration, we sought to identify the identity characterization attributed by the appropriation of community groups in a square, conferring cultural heritage value to a landscape of everyday life. The discussion can be extended to other contexts and spontaneous movements of cultural manifestation in free spaces, raising reflections on the need for cautionary measures for the protection of these assets belonging to our cultural heritage.

**Keywords:** inclusion landscapes, ethnographic landscape, intangible cultural heritage, cultural policies, landscape seal.

## 1 IDENTIDADE, CULTURA E TERRITORIALIDADE

A análise dos aspectos de cultura vinculados a espaço-territorialidade conduz diretamente à questão dos espaços livres. Sabidamente, os espaços livres atuam de uma maneira determinante para qualificar a cidade no aspecto urbanístico e ambiental. Algo menos óbvio, contudo, é o fato de que podem ser valorados pela forma como as pessoas os usam. Este aspecto é tão relevante, que esse aspecto pode ser confirmado mesmo que estejam pouco conservados pelo Poder Público ou que estejam recebendo pouco incentivo como *locus* de expressão de comunidades. Esses lugares podem se tornar marcantes não apenas pelo seu aspecto físico, mas muitas vezes pela importância social conferida pelos habitantes, contribuindo para a identidade cultural das cidades. (SANTIAGO et al, 2021)

Pouco ainda foi pesquisado sobre as relações de cultura e patrimônio imaterial entre países fronteiriços, que se formam a partir de intercâmbios culturais e utilizam espaços físicos como suporte para a afirmação da sua identidade. Neste artigo será apresentado o estudo de uma dessas manifestações, a feira livre Praça Bolívia, em Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul (MS), Brasil.

A partir dos relatos e do registro de experiências vivenciadas neste espaço-evento, pretende-se destacar aspectos culturais da manifestação resultante de grupos socialmente excluídos. Por meio da apropriação do espaço público, o grupo folclórico de dança T'ikay

(brasileiro-boliviano), organizador desse evento, figura entre um dos grupos coletivos de manifestação popular mais engajados na preservação, valorização e resgate cultural.

## **2 OBJETIVO**

Dado o interesse de se compreender o processo de consolidação de um movimento popular advindo de uma comunidade específica e transformado em um evento multicultural, buscou-se levantar e analisar os aspectos identitários da criação deste evento, realizado em uma praça urbana e tão fortemente associado a ela que chegam a se confundir. Por seu turno, o logradouro, ao receber esta apropriação, ficou enriquecido por expressões artísticas e de representação cultural, implicando em uma intensificação de suas dinâmicas de uso.

Busca-se ainda suscitar reflexões sobre as estratégias de planejamento e gestão da paisagem cultural no contexto das cidades contemporâneas, com suas expressões territoriais singulares. Através da experiência perceptiva e estética da cidade, compreendendo os espaços enquanto lugares e fluxos comunicativos. Apesar de se considerar relevante uma análise aprofundada sobre a influência da cultura boliviana no processo histórico de desenvolvimento do nosso país, este não é o objetivo desta pesquisa.

## **3 MATERIAIS E MÉTODOS**

### **Uma praça de vizinhança**

O espaço, hoje denominado Praça Bolívia, está inserido no parcelamento Vila Nova Ipanema, que data de 1980, situado no bairro Coophafé. Após as eleições diretas de 1985, a Prefeitura expandiu os projetos de implantação de praças para os bairros. Foram elaboradas 12 praças e executadas 6 no ano de 1987 (WEINGARTNER, 2008), entre elas a atual Praça Bolívia. Com área do terreno de 5.000m<sup>2</sup>, a praça era composta por áreas de convívio, playground, quiosque e quadra de vôlei de areia (Figura 01).

Figura 01. a. Localização da atual Praça República da Bolívia em Campo Grande/MS; b. Vista da antiga Praça do Jardim Nova Ipanema (1987) com equipamentos para esporte, anterior à existência da feira; c. Vista da atual Praça da Bolívia com a cobertura instalada para apresentações culturais em dia de feira (2019)



Fonte: Adaptado de (WEINGARTNER, 2008; IBGE, 2007; SISGRAN, 2021; GOOGLE EARTH PRO, 2021)

Observa-se que na configuração da antiga praça – anterior ao surgimento do evento – havia equipamentos de esporte instalados (Figura 01.b). Essa tipologia é característica do período que foi marcado, na história da cidade de Campo Grande, por projetos de praças residenciais com foco esportivo e de lazer (década de 80). Tais características se refletem na antiga configuração, projetada pelo arquiteto Gutemberg Weingartner e que naquele período atendia às demandas dos moradores locais.

### Procedimentos metodológicos

Foi realizada a busca por registros da presença boliviana na capital com auxílio da ARCA/MS (nome por extenso); foi realizado trabalho de campo entre os anos de 2016 e 2018 para observação e mapeamento de usos e aplicado questionário no período de março/2017. A análise foi baseada em estudos sobre fenomenologia da migração e na abordagem da paisagem do cotidiano como patrimônio, exemplificada pelo movimento espontâneo de manifestação cultural Praça Bolívia em Campo Grande/MS, para, por fim, suscitar reflexões sobre as possíveis medidas de acautelamento.

Entre os produtos do tratamento desses dados, foi construído um registro do processo histórico e evolutivo deste espaço: do surgimento da praça de bairro, do momento em que se tornou sede da feira e os desdobramentos das ações mobilizadas pela comunidade boliviana. Foram reunidos os registros históricos, seguido pelo método de mapeamento afetivo com visitas de campo e aplicação de questionário.

Na etapa de levantamento de dados, devido à escassa documentação disponível no acervo da Prefeitura, viu-se a necessidade de busca de reportagens e conteúdos divulgados nas redes sociais (*facebook e instagram*) que também podem ser consideradas formas autênticas de registros quando se considera o caráter popular e informal do fenômeno.

A pesquisa de campo foi um estudo exploratório, visando a coleta de informações. O levantamento serviu como suporte à formulação de hipóteses significativas para futuras investigações.

A pesquisa quantitativa ocorreu através de questionário estruturado. Nele foram utilizadas perguntas abertas e fechadas com amostragem não sistemática. Foi aplicado no período de março de 2017, em dois momentos: primeiro por meio online com acesso público aos moradores da cidade, visando captar o imaginário urbano; e em um segundo momento durante o evento, visando captar a essência do lugar segundo a visão dos frequentadores da praça.

As perguntas abertas permitiram a compreensão do lugar do ponto de vista do seu usuário frequentador, resultando no gráfico mostrado na Figura 05, que evidencia os aspectos que mais representam a praça Bolívia para o público, bem como o que este mais aprecia no espaço. Os gráficos, a linha do tempo e as reflexões estão dispostas na seção "resultados e discussões".

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **Do folclore ao patrimônio cultural**

Para compreensão das características da cultura popular, é necessário acompanhar as dinâmicas de transformação deste termo em seu percurso histórico. Não só a elite produzia cultura, as pequenas tradições também eram responsáveis para tal, em um rico processo de interação (BURKE, 2010).

O termo folclore (do inglês, *folklore*), *saber do povo*, foi cunhado pelo teórico inglês Willian Thoms em 1846 e compreendia um material recolhido que remetia às “antiguidades populares”, “superstições” ou “curiosidades”. A cultura popular manifesta-se como maneiras de viver, notadas pela complexa interação entre os fatores sociais, culturais, econômicos, políticos e ecológicos, atenuando os limites entre erudito e popular (COSTA, 2015). Em 2003, a Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (IPHAN, 2004), passa a adotar a expressão “patrimônio cultural

imaterial” ao invés de “cultura tradicional e popular”, termo anteriormente definido na Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular, de 1989 (ibid.).

O conceito de patrimônio cultural imaterial e sua relação entre o indivíduo e sociedade, entende-se como as práticas, as formas de ver e pensar o mundo, as cerimônias, as danças, as músicas, as lendas e contos, a história, as brincadeiras e modos de fazer, com os instrumentos, objetos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e as pessoas reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural e que são transmitidos de geração em geração.

No caso do evento cultural da Praça da Bolívia, destaca-se a existência da feira ao ar livre e as manifestações principalmente da cultura típica boliviana, apontando para a importância desse espaço, para a preservação destes bens imateriais e singulares (Figura 02).

Figura 02. Evento da Praça da Bolívia ocorrido em 12 de março de 2017, Campo Grande/MS.



Fonte: Autores

### **Feiras ao ar livre: comércios espontâneos, informais e efêmeros**

A função das feiras vai além da prestação de serviço e movimentação da economia local, também ocupa o espaço público. Nas ruas e praças, atraem as pessoas e proporcionam além do desenvolvimento comercial, trocas culturais e o fortalecimento dos laços afetivos.

As praças, durante a Idade Média caracterizadas por serem apenas locais de “não construção”, com o tempo passaram a oferecer novas possibilidades de uso. Conforme Paul Zucker (1959), eram comumente encontradas junto às igrejas, bem como situadas em região central, como resquícios das ágoras gregas, ou quando localizadas nas entradas das cidades, com finalidade bélica e comercial. Hugo Segawa (1996) complementa que, como neste período as cidades eram muradas, sendo que parte significativa da vida comercial acontecia fora das cidades, demonstrando assim o distanciamento entre o morador local e o forasteiro. Tais configurações sociais indicam uma relação intrínseca entre a ocupação da cidade e o comportamento dos indivíduos. São reflexos dos

comportamentos em sociedade, ao passo que a configuração na trama urbana influencia o fluxo intra-urbano e o comportamento dos habitantes e transeuntes (LIMA & DE MESENTIER, 2020).

As feiras livres são um fenômeno histórico e cultural. Seu surgimento remonta à idade média, mas perduram atendendo ainda hoje às suas necessidades originais e acrescentando outras, oriundas do viver contemporâneo. Mesmo sendo eventos periódicos, cumprem a função de atender a demandas sociais contínuas. As feiras são caracterizadas, sobretudo, pelo seu caráter de nomadismo; desmontáveis e flexíveis, sendo um dos exemplos de arquitetura efêmera de maior espessura cronológica da civilização humana. Suporte de atividades comerciais diretas entre produtores e consumidores, sua característica mais singular é a de ocupar os espaços públicos, permitindo, além da troca de bens, um intercâmbio profícuo entre as pessoas.

Os estudos de vitalidade urbana evidenciam o valor dos lugares a partir do olhar dos indivíduos para a cidade e a ocupação dos espaços livres públicos é a máxima expressão dessa vitalidade. (SPIRN, 1995; BENTLEY et. al, 1999; JACOBS, 2000; LERNER, 2011; GEHL, 2013).

De acordo com Anne Spirn (1995), o uso e apropriação dos espaços livres públicos pela população são o parâmetro mais importante para qualificar a eficiência de uma determinada praça. Já Jane Jacobs em *Morte e Vida das Grandes Cidades* (2000), infere que a potencialidade das feiras de proporcionar movimento às ruas resulta em diversidade de usuários e segurança ao espaço urbano. Para o urbanista brasileiro Jaime Lerner (2011), caracterizadas pelo comércio espontâneo, informal e efêmero, as feiras fomentam o imaginário urbano e assim preservam a memória da cidade.

### **Exemplo de movimentos espontâneos e de manifestação cultural**

A Praça da Bolívia configura-se como um local repleto de usos e portador de valores de identidade cultural, evidentes sobretudo nos dias em que ocorre o evento. É prática atual as feiras ao ar livre abrigarem encontros e trocas, tanto comerciais quanto de informações e ideias entre as pessoas. Nesse sentido, as feiras têm funcionado como territórios informais da maior importância para a realização das práticas sociais.

No caso de Campo Grande, em que a quantidade de espaços livres nem sempre se traduz em vitalidade urbana, a Praça da Bolívia é exceção: é um exemplo representativo de espaço livre público democrático e repleto de significados para seus usuários, vez que abriga um evento popular e informal, mas de grande expressão social na cidade.

Podemos compreendê-lo como um território informal inserido em um território formal. A Praça Bolívia, surge à medida que são agregados além da valorização étnico-cultural, outros usos e atividades não previstos na concepção original do espaço. Este evento, por ocorrer mensalmente desde 2005, consolida uma ocupação de um território informal que proporciona, de forma sazonal, um verdadeiro ponto referencial para a cidade. Este marco potencializa a representatividade de uma comunidade e de seus valores, esquecidos pelo poder público em geral. Já no interior da comunidade é um símbolo de amparo e reafirmação de valores imateriais, de total interesse de preservação.

### **Sociedades em movimento e o espaço hibridamente cultural**

A definição do que é ser migrante implica em questões tanto existenciais, quanto territoriais, para a compreensão do processo migratório enquanto um fenômeno vivido em diferentes escalas espaço-temporais. A experiência do ser migrante sofre um processo de reconstituição em relação às suas referências socioculturais que envolvem sua auto-identidade, refletindo na própria segurança existencial de cada indivíduo.

A necessidade por parte do migrante de preservar sua personalidade, sua identidade e voltar a ter a **sensação do pertencimento** leva a um gradual e contínuo processo de edificação de “**lugares próprios**”, os quais permitem ao migrante enraizar-se. Estes lugares e suas articulações são, na verdade, o território dos migrantes. Esses lugares se configuram como base e fundamento das redes sociais estabelecidas por eles (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010, p. 412, grifo nosso).

O processo migratório incorpora-se às redes sociais entre os fatores essenciais na formação de territórios e lugares, seja sobre a introdução do ser migrante em um novo meio, seja para entender as causas de tais fluxos. “Nesse processo de construção de seus lugares, o migrante vai compondo uma nova rede de relacionamentos baseada em lugares específicos, aumentando aos poucos sua sensação de segurança e promovendo seu enraizamento” (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010, p. 412). O lugar social é circundado por relações interpessoais. Eguimar Felício Chaveiro (2012), destaca as práticas espaciais de sujeitos diversos e sua luta diária pela existência, transformando o corpo em agente de suas plataformas por meio de valores, carregado de símbolos e produção de sentido ao lugar.

Conforme Sacramento (2017), de um modo genérico, a transnacionalidade pressupõe que a mobilidade infere diferentes fronteiras (políticas e culturais, por exemplo) e estabelece relações entre componentes variados, corroborando para o

processo do emergir de novas paisagens de cunho social e identitário. “O caráter transbordante da vida social atua impulsionado pela velocidade sistêmica que caracteriza o mundo”. Complementado, “o resultado são configurações sociais difusas marcadas por um complexo e constante vaivém de pessoas e de elementos de diferentes contextos, deixando de circunscrever-se a um espaço específico e exclusivo” (ibid., p. 293).

Seria possível, então, para os migrantes, o restabelecimento das relações referentes aos seus aspectos de conterraneidade? Conforme Guattari (1992) seria improvável manter relações que retomam as ligações com as terras natais. Porém, a expectativa é que haja uma ressignificação diante das particularidades, sobre os aspectos individuais e coletivos. Paralelo ao conceito de cidade subjetiva, a Praça Bolívia apresenta diferentes níveis de singularidades existentes no evento multicultural que ali ocorre. Através dos usos e atividades, reforça-se um ambiente que possibilita manifestações espontâneas e democráticas.

Diante da necessidade do ser migrante de se estabelecer em um local desvinculado de suas raízes, verifica-se a importância da atuação de coletivos como os grupos T'ikay e Masis-Brasil, além do amparo de instituições, como os consulados, por exemplo. Devido o apoio de vereadores juntamente com o consulado boliviano, foi inaugurada a Praça da Bolívia no ano de 2005.

Vale uma ressalva, entre os demais povos imigrantes da cidade de Campo Grande/MS, existem poucos registros e há um certo silenciamento para a diversidade histórica e cultural advinda da comunidade boliviana. Em contrapartida, esta é a única que possui uma praça com seu nome e com uso assíduo em especial por parte dos seus imigrantes e descendentes. Demonstração de resistência cultural – um território oficialmente demarcado e evidenciado em sua representatividade de modo existencial.

A existência de um espaço formal, disponibilizado pela Prefeitura, confere grande valor simbólico e de representação porque significa que um logradouro foi oficialmente destinado e confirmado pelo nome - Praça Bolívia.

A questão da resiliência urbana é compreendida como a habilidade de adaptação e transformação. Dentre as diversas categorias de resiliência, destaca-se a resiliência comunitária, que explica o caso da praça da Bolívia:

São identificados pilares para a resiliência comunitária: a) auto-estima coletiva, o sentimento de orgulho pelo local de vivência, essa satisfação implica em reconhecer que cada um faz parte desta sociedade; b) identidade cultural é um processo interativo que se obtém durante o desenvolvimento e implicam na incorporação de costumes, valores,

expressões idiomáticas, danças, canções etc.; c) humor social é a capacidade de expressar em palavras, gestos ou atitudes corporais os elementos cômicos, obtendo um efeito tranqüilizador e prazeroso; d) honestidade coletiva ou estatal, esse aspecto remete ao manejo decente e transparente das ações coletivas da administração, com a existência da consciência de honestidade.(SORIA et al., 2007, p.7)

A resiliência comunitária ressalta a importância de uma abordagem das comunidades ou núcleos sociais. Soria (et al., 2007) destaca o processo de transformação do objeto de estudo que parte do indivíduo para o coletivo e a necessidade de adoção de condutas por parte de pesquisadores diante dos critérios de observação e avaliação do fenômeno localizado.

A partir destes conceitos, é no contexto de sociedades em movimento que vem se identificando a qualidade espacial conferida por este evento, pois sem ele o logradouro seria uma praça como qualquer outra. Ao se definir espacialmente a partir de atributos subjetivos, reverbera aspectos particulares do indivíduo e do coletivo, com suas relações de vivência reveladas no espaço de território informal.

### Da praça ao evento multicultural

Nesta seção, o foco é o relato do processo histórico condizente com a evolução deste espaço, entre os períodos de 1980 a 2018 (Figura 03). Sucedem-se: o surgimento da praça de vizinhança, a praça do Jardim Nova Ipanema (1986); a transformação deste local em Praça República da Bolívia (2005) junto com o início da feira livre de ação multicultural, reconhecida como o evento mensal “Praça Bolívia”.

Figura 03. Linha do tempo da Praça da Bolívia



Fonte: Autores, 2018

A linha do tempo mostrada na Figura 02 permite acompanhar importantes acontecimentos que possibilitam compreender como a Praça Bolívia tem contribuído para a preservação da memória do povo homônimo. Em 2010, foi estabelecido oficialmente o Dia da Comunidade Boliviana no Estado de Mato Grosso do Sul, demonstrando que a mobilização da comunidade boliviana e o surgimento da Praça da Bolívia se desdobraram em um efetivo fortalecimento cultural, compensando a precariedade de registros históricos materiais dessa comunidade que tanto contribuiu para a formação do estado.

### **O surgimento do espaço-evento: Praça Bolívia (MS)**

A praça República da Bolívia foi inaugurada no ano de 2005, local cedido pela Prefeitura de Campo Grande/MS, capital de Mato Grosso do Sul, em virtude da iniciativa dos residentes bolivianos juntamente com o grupo musical Masis-Brasil, e o apoio pelo cônsul boliviano Antonio Mariaca. Desde então, a cada segundo domingo do mês, são realizados neste espaço a feira livre conhecida popularmente como “Praça Bolívia” ou “Feira da Bolívia” que acolhe, além da cultura boliviana, inúmeras representações folclóricas e artísticas da cidade.

A partir de 2009, o grupo de projeção multicultural T’ikay tornou-se o responsável pela organização e produção do evento. Conforme Ingra Padilha, integrante do grupo T’ikay e responsável pelo evento desde 2009, em reportagem ao G1 em 2014: “o evento surgiu da necessidade de ter um espaço aos domingos pela manhã voltado para a família. Um encontro diferente, onde podemos ter essa troca cultural”. Diante destas circunstâncias nasce o grupo de dança folclórica boliviana coletivo T’ikay, cujo nome vem da palavra de origem Quéchua e, conforme se auto-define, remete ao “florescer” da expressão artística da cultura boliviana, manifestando toda a sua riqueza e diversidade. A contribuição do grupo T’ikay ocorre através de trabalho voluntário:

O evento em seus princípios norteadores valoriza os modos de fazer, criar e viver de diversas etnias e colônias presentes em MS; busca a integração e amplia a presença do intercâmbio cultural; estimula a diversidade das expressões artísticas no estado; garante informações socioculturais; democratiza o acesso e oportuniza a todos o direito às fontes de cultura. (PRAÇA BOLÍVIA, 2018)

Como forma de reconhecimento à importância das ações que enriquecem as culturas sul-mato-grossense e sul-americana, cada vez mais consolidadas neste espaço, em 2015, ao completar 10 anos, o evento na Praça Bolívia foi incluído no Calendário Oficial de Eventos e de Programações do Município de Campo Grande/MS, pela Lei nº

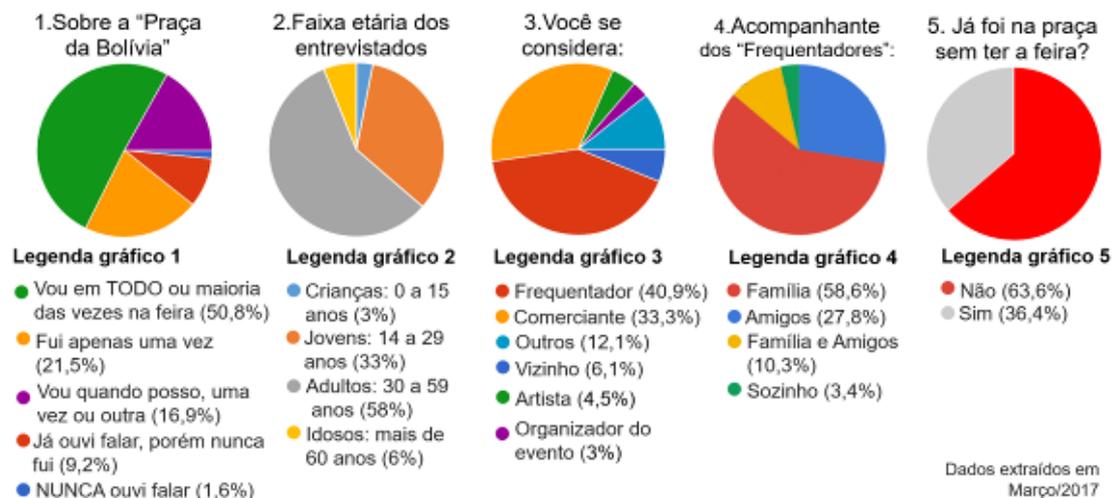
7.993/15 (CAMPO GRANDE,2015), firmando-se como mais um ponto turístico cultural de Campo Grande/MS. Como aspectos principais de tal lei, destaca-se que além da oficialização do evento Praça Bolívia, também se estabelece a importância de promoção da cultura de forma gratuita e a necessidade do apoio de diversos órgãos ou instituições para a continuidade do evento.

O evento caracteriza-se por ser um local de manifestação popular que visa fomentar ações socioculturais. Para melhor atendimento à comunidade e frequentadores, a lei determina a necessidade de estrutura e higiene, de modo que seja possível a ocorrência das atividades culturais previstas com conforto e segurança.

### Mapeando o lugar

O levantamento de campo na parte de aplicação de questionários, revelou que do total de 66 entrevistados, 51,5% responderam durante o evento (dia 12/03/2017) e 48,5% de modo online sem ter ido ao evento. Entre os entrevistados, 43,9% se consideram frequentadores. (Figura 04).

Figura 04. Perfil do público da Feira da Bolívia



Fonte: Adaptado de Chaves (2017)

É significativo o número de frequentadores, comerciantes e artistas que participam assiduamente do evento, 50,8% (Figura 04.1). Destaca-se a presença acentuada de público que estava frequentando pela primeira vez o local 21,5%, demonstrando que o evento ainda é novidade e possui perspectiva de crescimento.

Como a pergunta 3 só admitia escolha única, foi solicitado que o respondente optasse pela alternativa que melhor o representasse (Figura 04.3). Dentre os colaboradores ativos, os comerciantes (33,3%) foram a maioria, embora muitos também

se considerassem artistas, com produção comercializada no local. Um fato interessante foi a presença de respostas de comerciantes que se consideram artistas. Salienta-se que os organizadores (3%), por pertencerem a um grupo de dança folclórica, também se integram à categoria de artistas. No caso dos vizinhos (6,1%), estes também poderiam se enquadrar nas demais categorias. A opção “outros” foi marcada no caso dos que nunca foram no evento (12,1%). (Figura 04.3).

Sobre a faixa etária dos entrevistados, a maioria é de adultos (58%), seguido por jovens (33%), idosos (6%) e crianças (3%). Apesar deste último grupo estar em um percentual menor, parcela significativa de adultos e idosos entrevistados estavam acompanhados de seus filhos ou netos que gostam de ir à praça e os motivam a frequentar o local. O evento também é reconhecido por sua programação destinada a diversas idades, com presença marcante de grupos específicos destinados para entreter as crianças.

Figura 05. Percepções dos usuários sobre a praça da Bolívia durante o evento



Fonte: Adaptado de Chaves (2017)

É perceptível que 41% dos frequentadores residem nas proximidades da praça. Isso explica a porcentagem de 36,4% de pessoas que foram à praça não para visitar o evento, mas simplesmente para usufruir da praça. Porém a maioria (63,6%) representa o público que frequenta a praça exclusivamente em busca da feira da Bolívia (Figura 04.5). Os que se consideram frequentadores responderam que vão acompanhados da família (58,6%), seguidos de amigos (27,6%), família e amigos (10,3%) e sozinho (3,4%) (Figura 04.4). Constata-se daí que a Praça da Bolívia possui capacidade de atração de diferentes

agrupamentos de público e de criação e fortalecimento de laços afetivos. (Figura 4, gráfico 4)

A pergunta aberta: “Defina em uma ou em poucas palavras: o que a Praça da Bolívia representa pra você? O que mais gosta?”, buscou caracterizar a atmosfera desse espaço conforme a sente o frequentador (Figura 05). As respostas dos usuários (ao todo 66 entrevistados), e suas percepções sobre a praça da Bolívia (ao todo 91 ocorrências) revelaram que 23,1% escolheram as apresentações e seus eventos culturais; 23,1% o ambiente; 17,6% o convívio; 15,4% as comidas típicas; 11% a feira; 5,5% a localização; e 4,4% a sombra. Sobre aspectos do “ambiente” (ou a ambiência) foram relatados “alegria”, “ambiente familiar”, “diversidade”, “energia do local”, por ser “agradável” e “acolhedora”. Sobre “Apresentações: eventos culturais” foram remetidos os aspectos culturais e em especial aqueles da comunidade boliviana. Em “Comidas típicas”, os entrevistados destacaram a saltenha, prato típico boliviano. Em “Feira: artesanato e comida” foi mencionada a arte popular.

O questionário, embora não sistemático, ofereceu a perspectiva de uma maior aproximação com os perfis do usuário da praça da Bolívia, buscando caracterizar não o chamado “usuário-tipo”, mas ao contrário, a gama de perfis sociais dos frequentadores do local.

### **Reflexões sobre as possíveis medidas de acautelamento**

Diversos estudos destacam a existência de uma relação intrínseca entre as questões de identidade e patrimônio (HALL,1997). Inserido na esfera cultural, o patrimônio imaterial envolve aspectos desde filosófico até distintas manifestações artísticas, de tradições populares, bem como os registros dos modos de vida e a literatura e folclore enquanto expressões legítimas.

As medidas de acautelamento competem, no caso estudado, no âmbito municipal, à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECTUR), no âmbito estadual à Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS) e no âmbito federal ao IPHAN por meio do decreto 3.551, que institui o “Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro” (BRASIL, 2000).

Ressalta-se que o termo “registro” ainda não é amplamente utilizado, principalmente na esfera municipal, sendo por vezes confundido com o termo “tombamento”. Isso se deve em grande parte por não se compreender a natureza material ou imaterial do objeto a ser

protegido. Tais questionamentos devem ser previamente abordados, delimitando claramente se o caso se refere a um bem cultural a ser tombado ou registrado.

De forma geral, as medidas de acautelamento em níveis municipal e estadual ainda não estão fortalecidas e/ou consolidadas em comparação com a esfera federal, como a figura do registro, que é utilizado para a salvaguarda do patrimônio imaterial. A confusão recorrente entre os termos acaba por enfraquecer o acautelamento.

Outra reflexão é a que diz respeito à inserção de bens como Patrimônio Mundial pela Unesco. Entre os critérios utilizados destaca-se a condição: quando se trata de “manifestação de um intercâmbio considerável de valores humanos durante um determinado período ou em uma área cultural específica, no desenvolvimento da arquitetura, das artes monumentais, de planejamento urbano ou de paisagismo.” (Ribeiro, 2007, p.36).

No caso da Praça da Bolívia, as representações artístico-culturais variam para além do povo boliviano e as culturas andinas; ela se tornou um espaço aberto e livre para as demais culturas se expressarem, como é o caso da cultura africana e grupos musicais brasileiros que já se apresentaram nesse local, o que demonstra o fato de ser um espaço essencialmente multicultural. À medida que manifestações culturais adquirem valor, configuram-se como símbolos identitários de um povo, e como tais merecem estratégias de proteção.

Tais práticas, quando alicerçadas em mecanismos jurídicos específicos, permitem a demarcação dos conjuntos de bens inseridos no espaço público. Para o desenvolvimento de políticas públicas de preservação, é importante que a formação dos cidadãos esteja potencializada por uma identidade coletiva e pela educação patrimonial visando a salvaguarda em benefício da continuidade para futuras gerações (FONSECA, 2005).

Embora não intensamente abordado, caberia também um estudo referente à paisagem chancelada que reverte ao reconhecimento de valorização cultural de determinado território nacional e confere a preservação das configurações que justificam esta classificação. “O caráter peculiar ou especial, próprio de um lugar, é o elemento essencial que faz que uma determinada paisagem possa ser reconhecida como importante culturalmente e, portanto, passível de proteção por mecanismos públicos.” (SCIFONI; NASCIMENTO, 2010, p.320).

Para que sejam possíveis tais instrumentos de preservação citados, é necessário o desenvolvimento de um Plano de Gestão Compartilhada e pactuado entre o poder público, a sociedade civil e a iniciativa privada.

Alguns dos pactos possíveis de gestão seriam, por exemplo, a isenção tarifária ou redução dos impostos para a manufatura/ produção típica, de gastronomia produtos registrados/incentivo para comidas típicas sul-mato grossenses, como mais de um dos benefícios para favorecer a criação de Micro-Empresas Individuais (MEIs), em direção a fortalecer a identidade cultural.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como eixo norteador as reflexões sobre a cultura e laços afetivos, o universo da cultura se permite configurar enquanto coletivo, pois vai além de mera soma de significados atribuídos pelo indivíduo. O significado de coletivo se apresenta como uma nova instância, em que o indivíduo se torna um “ser comunitário” na construção de sua identidade.

Retomando a ideia da cultura como um conjunto de símbolos que se tornaram convencionais e estão associados a determinado grupo, estes remetem a diversos significados que se mantêm ativos no imaginário coletivo. Enquanto seres sociais, nascemos imersos em determinada cultura que desenvolve suas próprias linguagens e códigos característicos e singulares.

Por serem paisagens transfronteiriças, mesmo sem contato entre limites administrativos, os intercâmbios culturais são bastante presentes nesta região. Desta forma, o reconhecimento da importância do valor cultural das atividades desenvolvidas neste local em Campo Grande/MS pode levar a uma gestão compartilhada entre as duas nações.

Devido à sua inserção recente no calendário de Eventos Municipal e Estadual, a Feira da Bolívia adquire um novo patamar de visibilidade. Considerando a tendência de expansão da atratividade do evento para outros grupos, tal medida protetiva visaria assegurar a manutenção da essência desta cultura para não expô-la a descaracterizações.

Consoante as questões multiculturais presentes no evento cultural da Praça Bolívia, caracterizado por ser um ambiente múltiplo em que ocorrem diversas manifestações na esfera artística – apresentações de teatro, dança, música, exposição, venda de gastronomia e artesanato local – é um ambiente que também promove lazer e turismo.

A importância da feira-livre neste espaço desponta entre os elementos fundamentais para a sua vitalidade. Assim, a própria organização da comunidade boliviana residente em Campo Grande/MS com as manifestações que representam a sua

cultura de origem, demonstra a singularidade deste espaço, denominado multicultural pelo próprio grupo T'ikay.

Quanto ao caráter de singularidade da praça da Bolívia, a partir das entrevistas e visitas periódicas *in loco*, fundamentado pelo método de mapeamento afetivo, constatou-se que o evento proporciona uma atmosfera de aconchego, alegria, diversidade e uma ambiência familiar. A experimentação e a vivência do espaço, seja da praça do cotidiano quanto a praça do evento multicultural da Bolívia, através do contato direto com a população, foi um fator crucial para a melhor compreensão da questão da afetividade estabelecida entre os indivíduos e esse território.

Do exposto acima, conclui-se que a cultura boliviana conforme expressa no evento Praça Bolívia é digna de ser lembrada e suas ações perpetuadas e preservadas no âmbito das paisagens culturais urbanas. Existem ferramentas específicas para este tipo de proteção e há que se discutir sua pertinência frente à legislação, a exemplo da Praça República da Bolívia, em Mato Grosso do Sul, ora analisada.

### **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Gilfranco Alves, que orientou o Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo na UFMS em 2017, “Ver, ouvir e sentir: A Praça da Bolívia em Campo Grande/MS”, a partir do qual surgiu a ideia deste estudo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradecemos à CAPES pela Bolsa PNPd CAPES de GUARALDO. Ao apoio da UFMS, dos grupos de pesquisa Algo+Ritmo e Laboratório da Paisagem (LabPa). À comunidade boliviana e ao grupo T'ikay.

## REFERÊNCIAS

BENTLEY, Ian; ALCOCK, Alan; MURRIAN, Paul. **Entornos vitales: Hacia un diseño urbano y arquitectónico más humano manual práctico**. 1999.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 2000.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAMPO GRANDE. Câmara Municipal. **Projeto de Lei Legislativo n. 7.993/15, de 23/03/2015**, Institui e inclui no calendário oficial de eventos e de programações do município de Campo Grande-MS, o “evento praça Bolívia” e dá outras providências. 2015

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e Lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CHAVES, Jéssica Rabito. **Ver, Ouvir e Sentir: Praça República da Bolívia em Campo Grande/MS**. 2017. Orientador: Dr. Gilfranco Medeiros Alves. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017.

COSTA, Maria Elisabeth de Andrade. **Cultura popular**. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013

GUATTARI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992. (4a. Ed. 2006).

G1. Edição de agosto da Praça Bolívia em Campo Grande homenageia os pais. **G1**, Mato Grosso do Sul, 10 ago. 2014. Disponível em: <<http://glo.bo/1vuSaRi>>. Acesso em: 01 set. 2018.

IBGE. **Mato Grosso do Sul - Setores Urbanos 2007**. Portal de mapas do IBGE. 2007. Disponível em : <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa201404>. Acesso em 03 de junho de 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Cartas Patrimoniais**. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

\_\_\_\_\_. **Patrimônio Imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> Acesso em: 31 mai. 2017.

GOOGLE EARTH PRO. 7.3. 2020. Praça da Bolívia, Campo Grande, MS. Coordenadas 20°26'56,83"O e 54°35'8.63"S. Data de Visualização: 07/12/2015. Data da Imagem: 2021.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes ROSA, Maria Estela Heider CAVALHEIRO; Revisão de Cheila Aparecida Gomes BAILÃO. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana**. 5a. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LIMA, Evelyn Furquim Werneck; DE MESENTIER, Leonardo Marques. Política urbana e patrimônio histórico-cultural: O centro e o pericentro no Rio de Janeiro Urban policy and historical-cultural heritage: The center and pericenter of Rio de Janeiro. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 58489-58505, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n8-310>

MARANDOLA JR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista brasileira de estudos de População**, 2010.

MATO GROSSO DO SUL. Governador do Estado de Mato Grosso do Sul. LEI Nº 5.043, DE 22 DE AGOSTO DE 2017. Inclui no Calendário Oficial de Eventos do Estado de Mato Grosso do Sul, instituído pela Lei nº 3.945, de 4 de agosto de 2010, a Feira da Bolívia, realizada na Cidade de Campo Grande/MS, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado**, Campo Grande, MS, 23 ago. 2017. p. 01.

MELILLO, A; OJEDA, E.N.S. **Resiliência, descobrindo as próprias fortalezas**. Artmed: Porto Alegre, 2005.

PRAÇA BOLÍVIA. "**Nossa história**". 12 jul. 2018. Post do Facebook. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/pracabolivia/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/pracabolivia/about/?ref=page_internal)>. Acesso em: 07 set. 2018.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. IPHAN, 2007.

SACRAMENTO, Octávio. Sociedade, espaço e fluxos: reflexões sobre processos transnacionais. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 287-303, 2017.

SANTIAGO, Denise Rodrigues; FIGUEIREDO, Camila Soares; MATOS, Karenina Cardoso; LOPES, Wilza Gomes Reis; LEITE, Nícia Bezerra Formiga. Patrimônio da paisagem cultural Teresinense: Praça Monumento da Costa e Silva. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 19375-19397, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-535>.

SCIFONI, Simone; NASCIMENTO, Flávia B. **Paisagem cultural do Vale do Ribeira (SP): novas ações e pesquisas nas políticas federais de patrimônio cultural.** In: [Anais do ...] / **1º Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto**; Brasília, DF: IPHAN; Belo Horizonte, MG: IEDS, 2017. Projeto (1.: 2010: Belo Horizonte, BH) 501 p. – (Anais, n. 6 ; v. 1).

SEGAWA, Hugo M. **Ao amor do público: jardins no Brasil.** Fapesp, 1996.

SISGRAN, Sistema Municipal de Indicadores de Campo Grande – MS. 2021. Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/sisgran/>. Acesso em: 03 de junho de 2021.

SORIA, Heliana Baia Evelin; BLANDTT, Lucinaldo da Silva; RIBEIRO, Jorgeane Correa. **Resiliência: a capacidade de adaptação e/ou transformação nas desigualdades sociais.** Universidade Federal do Maranhão: Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas III Jornada Internacional de Políticas Públicas Questão Social de Desenvolvimento no século XXI. UFMA, 2007.

SPIRN, Anne Whiston. **O Jardim de granito: a natureza no desenho da cidade.** Edusp, 1995.

WEINGARTNER, Gutemberg. **A construção de um sistema.** Os espaços livres públicos de recreação e de conservação em Campo Grande, MS. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2008.

ZUCKER, Paul. **Town and Square, from the Agora to the Green Village.** Columbia University Press, 1959.